



O que é Metafísica?

Palavras-Chave: FENOMENOLOGIA, NADA, NADIFICAÇÃO

Autores(as):

Eduardo Mascarenhas dos Santos, IFCH, UNICAMP

Prof.^(a) Dr.^(a) Rafael Garcia (orientador(a)) IFCH, UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A pesquisa tem como objetivo abordar a necessidade de se superar a metafísica clássica e mostrar como tal modo de pensar o ser restringe o caráter aberto e de possibilidades dos sentidos de ser. Tal tarefa se realiza através da fenomenologia do conceito de "Nada" na filosofia heideggeriana. Inicialmente, discute-se a impossibilidade de abordar o Nada de maneira tradicional, pois ao questioná-lo, ele se transforma em seu oposto, e assim não conseguimos conceber o verdadeiro caráter ontológico do Nada. Heidegger propõe uma nova abordagem fenomenológica do Nada, buscando uma experiência legítima do Nada originário. Ele argumenta que o Nada não é um ente, mas se manifesta no ente, sendo essencial para a abertura do Dasein (ser humano) à compreensão do mundo. Em resumo, a necessidade de se questionar o Nada emerge do clima filosófico e do lugar da filosofia em ruínas decorrentes da hegemonia da pesquisa científica na pesquisa do ser. Na perspectiva do Heidegger, a história do ocidente é a história da metafísica, e dela brota o domínio sobre todos os seres. A metafísica tal como concebida classicamente não pensa os respectivos comportamentos perante ao ente como sendo ultimamente fundados no Nada, na história, no tempo. Ela (a metafísica) não pensa a luz que ilumina o ente, e antes disso interpreta tal luz como sendo um ente entre outros. A necessidade de se superar a metafísica, como sabido, é uma questão que perpassa grande parte da produção filosófica do séc XX. Compreendemos que tal filosofia se encontra sob o pano de fundo de uma necessidade de se retomar à questão do sentido do ser, tal como exposto na obra *Ser e Tempo* (1927), que possui como objetivo realizar uma espécie de terapia do ser para tornar mais claro de onde e como emergem na história os diversos sentidos de ser. No texto analisado nesta pesquisa, Heidegger inicia a investigação mostrando como o comportamento científico, que brota da metafísica, não é capaz de e não possui métodos para investigar o caráter nadificado do ser, de modo que tal comportamento restringe os diversos sentidos e possibilidades de se ser. Mostrando que a metafísica e portanto a ciência não são senhores da totalidade do ser, Heidegger inicia um tipo de pensamento pós-metafísico e, como será interpretado por ele mesmo mais tarde e por outros filósofos, ele inicia um tipo de pensamento pós-humano, que formula a questão principal da filosofia da época (período entre guerras e pós guerra): se o humanismo falhou em emancipar/domesticar o ser humano, o que então ainda pode nos emancipar/domesticar? O texto "Que é metafísica" está em um período de transição da obra completa de Heidegger, e aqui procuraremos mostrar, tal como dito, os limites da compreensão metafísica e científica do mundo através de uma análise do conceito de "Nada". Heidegger inicia essa tarefa mudando a direção da investigação: não mais o ente, mas antes dele, o Nada.

METODOLOGIA:

Leitura estrutural filosófica dos textos “Que é metafísica?” (1929) e dos respectivos pré e posfácios escritos em 1943 pelo autor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Abordar o Nada é difícil, pois questioná-lo o transforma em algo, o oposto. Pensar o nada na metafísica tradicional gera contradição. É necessário abordagem diferente para compreendê-lo completamente. Vamos analisar como a tradição filosófica entende o Nada, buscando novas perspectivas. Logicamente, o Nada é visto como a não-existência, uma negação do todo do ser. No entanto, essa visão lógica não captura o verdadeiro vazio ontológico. Heidegger propõe uma inversão: o Nada não é resultado da negação, mas a negação surge por causa do Nada original.

Iniciando a abordagem fenomenológica do Nada, é crucial estabelecer um encontro autêntico com ele. Diferentemente da abordagem tradicional baseada em modelos platônicos e aristotélicos, não buscamos um ente subsistente com essência prévia. Em vez disso, buscamos um modo de investigação que não antecipe pelo intelecto, onde o Nada não precise existir como os entes. A ideia de um "puro encontrar" apontada por Heidegger sugere um encontro afetivo, uma conexão existencial com o Nada, que não segue as normas da racionalidade, mas envolve uma relação profunda com os entes e consigo mesmo.

Ao buscarmos uma experiência autêntica do nada originário, podemos encontrar pistas valiosas ao examinar o conceito ilustrativo do nada, tanto na tradição filosófica como em nossa vida cotidiana. Esse conceito descreve a negação da totalidade do ente. Heidegger enxerga nisso uma via para compreender o fenômeno do nada, já que a noção de totalidade pode conduzir ao *Dasein*, um ente em abertura para o todo do ser. O nada, sendo não-ente, funciona como um pano de fundo que delimita e nega a totalidade do ente. Embora seja complexo conceber o ente em sua totalidade, é inegável que vivemos imersos na totalidade dos entes, mesmo que nossa atenção diária se concentre em aspectos específicos. O *Dasein*, como ente entre outros, mantém uma relação afetiva com os entes em seu cotidiano, mas há uma emoção que revela o ente como um todo? Sim, o profundo tédio. O tédio revela a totalidade do ente.

Heidegger destaca que o tédio, enquanto tonalidade afetiva, está intrinsecamente ligado à temporalidade que constitui o *Dasein*. Ao considerarmos que o ser é temporal, o tédio assume um papel relevante ao tornar apático o panorama total do que é, ampliando a dimensão temporal do ser. Notavelmente, essa sensação de tédio não emerge quando nos desinteressamos de um ente específico, mas sim quando um ente (o *Dasein*), imerso na totalidade dos entes, experimenta um tédio puro. Isso, por sua vez, evidencia a totalidade do ente. No entanto, nosso objetivo difere desse resultado. Encontrar o nada não implica negar a totalidade do ente agora revelada. Similarmente à nossa abordagem em permitir que o ente na totalidade venha ao encontro, também necessitamos que o nada venha-de-encontro, e para tal, requeremos uma tonalidade afetiva que exponha o nada: a Angústia.

Heidegger aborda a ambiguidade da palavra alemã "*Angst*," que pode denotar uma ansiedade semelhante a um medo indefinido, contrastando com o medo vinculado a um ente específico. A angústia, como o tédio, não é explicável em seus motivos. Contudo, ao contrário do tédio que torna o ente indiferente, a angústia faz com que o ente em sua totalidade se evada. Isso priva o *Dasein* de qualquer suporte e confere-lhe sua característica indeterminada. A angústia revela o nada ao retirar o ente em sua totalidade da presença do *Dasein*. Agora, com o Nada discernível, é preciso examinar sua natureza mais aprofundadamente.

Para compreender a natureza ontológica do nada, é crucial reconhecer que ele não é simplesmente um ente, mas sim uma presença no ente, precisamente porque é a ausência de ente. A angústia não apreende

o nada como se fosse um ente; ao invés disso, devido à sua indeterminação, ela o faz emergir em seu desvelamento. O desvelamento do nada não ocorre como algo coexistente ou paralelo ao ente em sua totalidade, mas é intrínseco a essa totalidade, formando uma unidade com ela. Isso não implica que a angústia aniquile o ente em sua totalidade, resultando em sua completa dissolução diante dela. Indicar que o nada se manifesta na angústia junto com o ente e sua totalidade significa que o nada tem a característica essencial de "retirar-se" dentro do todo do ente (pois o ente é, enquanto o nada não é).

Na angústia, observamos um "recoo diante de..." que não é uma fuga, mas uma espécie de repouso fascinante. Esse recoo característico da angústia provém do próprio nada, que inerentemente induz ao afastamento, sendo repelente e retirante, levando assim o ente em sua totalidade a se retrair na angústia. Nesse ponto, a qualidade repelente do nada, que afasta, também funciona como uma referência ao todo do ente, que se retira ao recuar da angústia. Essa dinâmica define a abertura do *Dasein*, que é envolvido pela angústia, ou seja, pelo nada. Portanto, a repelente referência ao todo do ente, que se retira na angústia, constitui a essência do nada: a "nadificação." O nada, ao caracterizar-se pela repulsão que afasta e pela referência ao todo do ente, se transforma em "nadificação," confirmando-se como nada e, ao fazê-lo, revela o ente em sua totalidade como algo absolutamente outro em relação ao nada.

Daí surge a estranheza do ente em sua totalidade na angústia, bem como seu papel crucial na abertura do *Dasein*, pois essa estranheza se origina do nada, que remete ao ente que se retira e o desvela em sua completa estranheza diante do nada. Sem a angústia como um componente estrutural de sua existência, o *Dasein* não pode compreender a si mesmo como *Dasein* e, conseqüentemente, não pode compreender o ente como o absolutamente outro diante do nada.

Conforme mencionado anteriormente, o nada se manifesta no ente, já que o ente é, por natureza, ente e não nada. Esse "e não nada" não é uma adição acessória ao discurso, mas é a condição essencial para a abertura do ente em geral. O nada, assim, proporciona a abertura que possibilita ao *Dasein* ser. Esta relação entre Ser e Nada é reveladora. Através da fenomenologia do nada, a diferença ontológica se torna mais clara. O nada é distintamente ontológico do ente, e a análise mais profunda revela que Ser e Nada são intrinsecamente conectados, graças ao papel do nada em possibilitar a abertura do *Dasein*. Heidegger, em "Ser e Tempo", por meio da análise existencial do *Dasein*, destaca sua modalidade de ser distinta dos entes meramente subsistentes, e essa modalidade de ser é mais acessível através da fenomenologia do nada, como visto em sua preleção de 1929.

Isso evidencia que o nada não deve ser considerado simplesmente como um resultado da negação. A negação não introduz o não por si mesma, pois só pode negar se houver algo previamente presente para ser negado. A possibilidade de negação surge da abertura do *Dasein*, cuja essência fundamental é a "nadificação". Portanto, a própria estrutura lógica não pode conceber a si mesma, destacando a necessidade de um "questionamento mais fundamental". Embora a preleção de 1929 tenha sido interpretada como um desafio à lógica, Heidegger esclarece que não é uma oposição à lógica, mas sim um caminho para questionar sua dimensão fundamental. Isso, por sua vez, conduz à necessidade de superar a metafísica.

Através da fenomenologia do nada, identificamos sua essência fundamental: o "nadificar". Essa noção possibilita ao *Dasein* se abrir ao ente e compreendê-lo, considerando que o nada é uma parte inerente do ente, delimitando sua totalidade. O *Dasein*, como ente entre outros, incorpora o nada em sua essência. Sua abertura, viabilizada pelo "nadificar", permite a percepção de que o "Da-sein" implica "ser contido no nada". Isso nos leva à metafísica, já que a abertura do *Dasein* emerge do nada, possibilitando uma perspectiva externa ao ente para sua compreensão. O *Dasein* se torna, assim, a própria expressão da metafísica, transcendendo o ente em sua abertura constitutiva. A metafísica é a capacidade de compreender o ser, considerando que o ser, tanto do ente quanto em sua essência, não é um ente em si.

Portanto, a abertura do *Dasein* não é um ente, pois essa perspectiva "externa" ao ente para compreendê-lo só ocorre ao ser suspenso no nada. Heidegger critica a ciência por negligenciar o nada, uma vez que, à luz dessa compreensão, a atividade científica carece de significado sem considerar o ser subjacente.

O questionamento posterior reside na origem da negação, que não decorre do entendimento humano, mas do próprio ser (ou nada), representando uma instância preexistente à razão. Isso levanta o dilema de decidir sobre o domínio da lógica na metafísica ou a necessidade de superá-la. Nesse contexto, a análise dos textos de 1943 e 1949 é crucial. Nestes textos, Heidegger critica os limites da filosofia tradicional, buscando conceituar a natureza do questionamento do Ser.

CONCLUSÕES: Por que afinal é necessária uma superação da metafísica?

Entendemos que a preleção de 1929, em seu todo, ao atribuir ao ser do ente que somos, isto é, ao *Dasein*, a denominação “metafísica”, exerce a tese filosófica cuja pretensão é conferir grande importância à metafísica, ramo do saber humano em completa incredulidade no século XX. Ao atribuir ao *Dasein* o título de ente metafísico por excelência, temos que prestar atenção que Heidegger não compreende a metafísica como uma disciplina filosófica entre outras, mas sim que ela é, fundamentalmente, um comportamento inquisidor. O *Dasein* em sua abertura já é ele mesmo este ir “além” do ente, por isso metafísico. Cabe notar, todavia, que este ir “além”, é fundamentalmente diverso de toda a tradição dualista metafísica: o *Dasein*, estando contido dentro do nada, não precisa ir até outro mundo para fazer metafísica, mas tal contenção já é ela própria a condição de compreensão do ente enquanto tal. Em outras palavras, em Heidegger, o nada é parte essencial do ente, o que diverge completamente das concepções anteriores sobre o nada, o qual estaria em outro mundo. Com efeito, todavia, o comportamento metafísico do qual Heidegger se colocava em confronto, é o comportamento científico, isto é, um modo de objetivação “calculador” do ente: “...pelo fato de toda objetivação do ente se exaurir na produção e garantia do ente, conquistando, desta maneira, as possibilidades de seu progresso, permanece a objetivação apenas junto ao ente e já julga o ser”. O ponto é que esse comportamento metafísico é, na medida em que julga o ser, unicamente uma verdade sobre o ente. “A metafísica é a história dessa verdade”. A necessidade de superar a metafísica é, portanto, em função da própria necessidade que Heidegger vê de se continuar no âmbito da metafísica, mas, todavia, a dificuldade se encontra em conceber o que consiste um comportamento que caminhe em outra direção do comportamento metafísico entendido como científico objetivante. O questionamento da preleção é, por isso, essencialmente ambivalente: na medida em que reflete uma questão metafísica (o Nada), já se encontra no âmbito de um pensar além da metafísica, pois pensa o seu fundamento, ou seja, o modo como o ser se desvela: a verdade do ser.

A preleção de 1929 pensa como a metafísica brota do modo de ser do *Dasein* através da tonalidade afetiva nomeada de angústia. Este pensamento é o pensamento do próprio ser, pois, pensando o fundamento da metafísica, se pensa a maneira mesma como o ser se desvela. É este o sentido que entendemos quando afirmamos que através da fenomenologia do nada chegamos ao próprio ser. Assim, a preleção interroga pelo ser ele mesmo. O texto de 1949, por sua vez, em grande medida, procura examinar as respostas dadas historicamente ao interrogamento pelo ser. Historicamente, a metafísica representa o ente enquanto ente. Entretanto, é apenas na medida em que o ente enquanto tal já está iluminado com a luz do ser que a metafísica pode representá-lo. A metafísica procura a causa da luz, mas não pensa a luz ela mesma, pois, não se pode pensar a luz pensando o que já está sendo iluminado. Heidegger não vê sentido no comportamento metafísico determinado pela ciência, pois, o ser que faz ciência não é ele próprio pensado.

Ora, se o ser ele mesmo não é determinável aos moldes do ente, e se a história da metafísica é a história da determinação do ser como a entidade do ente, então, a relação do ser que faz metafísica, isto é, do *Dasein*, com o ser enquanto ser não é uma relação de pertencimento. Permanece ao ser humano velado o modo como o ser se desvela, ou seja, permanece velado ao ser humano o que significa a sua compreensão de ser. Nesse sentido, pensar o desvelamento de ser é pensar quem nós somos. Cabe notar, todavia, que esse esforço de superar o comportamento metafísico tradicional não é um pensamento contra a metafísica. “A metafísica permanece a primeira instância da filosofia. Não alcança, porém, a primeira instância do pensamento.”

O pensamento ele próprio não vem da metafísica, mas da verdade do ser, de seu desvelamento. Por isso, a metafísica científica objetificante do nosso tempo não pode ter a última palavra sobre o ser, ela não deve determinar toda a relação do *Dasein* com o ente. Sobre esse esforço de superar a metafísica, “se bem sucedido, talvez fosse possível ao pensamento retornar ao fundamento da metafísica, provocando uma mudança da essência do homem de cuja metamorfose poderia resultar uma transformação da metafísica”. Esse é o ponto da preocupação de Heidegger frente ao comportamento metafísico moderno. Esse comportamento não “deixa o ser falar”, pois, na medida em que procura determinar o ser, se mantém preso ao ser do ente, à verdade do ente. Nisso consiste a dificuldade do questionar heideggeriano, pois, para não cair na armadilha da determinação do ser como um ente, o pensamento que procura superar a metafísica caminha ambivalentemente nessa fronteira movediça entre, de um lado, a necessidade de assegurar a importância da metafísica, e, de outro, a superação da metafísica, através da questão do ser, que ilumina o caminho. Em vista disso, entendemos que a questão fundamental da metafísica “por que é enquanto tal o ente e não antes o nada?” não pode ser entendida como a questão da causa suprema de tudo o que é. Pois, sendo o ser do ser humano a própria filosofia, na medida em que existimos não podemos fugir dessa questão metafísica nos refugiando em “ídolos”: torna-se necessário perder-se no nada, com a coragem diante da angústia de enfrentar essa questão fundamental, agora reformulada: qual sentido de sustentarmos nosso *Dasein*, se o que nos rege de ponta a ponta é algo sem fundo?

BIBLIOGRAFIA

-*Que é Metafísica? (Posfácio de 1943)*. In: *O que Conferências e escritos filosóficos*. Tradução e notas, Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 2005. P. 65-73. (Os pensadores).

-SOUZA, Álisson Matutino de. *Tradução comentada do texto “Que é metafísica?”*, de Martin Heidegger. Orientador: Prof. Dr. Alexandre Guimarães Tadeu de Soares. Universidade Federal de Uberlândia, 2019.